E mais uma vez: cabeça, véu e cabelo em Corinto[1]

Hans-Jörg Ronsdorf · janeiro de 2021 · revisado em outubro de 2026

Ano após ano, ainda que cada vez menos, aparecem estudos sobre este texto de Paulo, que, como se sabe, não é nada simples (1 Coríntios 11:2-16). Por que escrevo sobre ele? No meu livro "Mulheres, perdoem-nos!" (Frauen, vergebt uns!), publicado em novembro de 2020, sobre o papel do homem e da mulher[2], dediquei um capítulo a este texto. No entanto, de forma menos sistemática e detalhada do que, olhando para trás, me pareceu correto. Pois no livro reproduzi com muita força a tese da citação, tal como Thomas Schirrmacher a expôs em seu livro "Paulus im Kampf gegen den Schleier!". Eu já havia observado que a tese da citação também é uma suposição, sem dúvida plausível, mas, em última análise, não comprovada. Neste estudo chego, com a ajuda dos trabalhos de uma teóloga e de um teólogo, a explicações plausíveis também sem a tese da citação.

Este texto fala a uma situação cultural que nos é estranha, a saber, a cultura greco-romana do século I. Não em qualquer lugar, mas em Corinto, na época uma colônia romana na Grécia. Para Paulo, não era um lugar desconhecido: ali ele trabalhou 18 meses. Conhecia cada detalhe desta cidade (Atos 18:1-18).

Neste estudo citarei com frequência dois livros relativamente recentes. Eles ajudam a entender este texto difícil melhor, de modo novo ou mais profundo. Sobretudo no comentário versículo por versículo, eu não conseguiria formular melhor do que eles formularam, e por isso deixo os dois autores falarem na maior parte do tempo. Por um lado, há o comentário (monumental e excelente) de Eckhard J. Schnabel, "Der erste Brief des Paulus an die Korinther" (série Historisch-Theologische Auslegung) (um teólogo e professor conservador, "fiel à Bíblia", evangélico[3]). Não conheço nenhum outro comentário que trabalhe este texto de forma tão fundamentada e com tantas referências às fontes. Não concordo com todas as suas conclusões, o que, porém, neste tema sempre se deve esperar. O segundo livro tem o título "Paul and Gender"[4]. Cynthia Long Westfall (historiadora e teóloga) apresentou em 2016 um trabalho, amplamente reconhecido no mundo de língua inglesa, sobre este texto e sobre todos os demais textos paulinos relevantes para a questão dos sexos. Levando intensamente em conta a situação cultural, ela lança nova luz sobre as grandes questões com que lutam inúmeros intérpretes, e também o leitor comum da Bíblia. Os dois autores concordam em muitas de suas opiniões. (As citações de Westfall trazem na nota de rodapé apenas a indicação de página.)

Meu objetivo é esclarecer (para mim) qual é a argumentação de Paulo e o que o levou a escrever exatamente assim. ***Eram as mulheres o problema, ou os homens? E, se no fim isso ficasse inteiramente claro, o que aqui não se pode garantir e que cada leitor precisa decidir por si mesmo, ainda restaria a pergunta: o que fazemos com isso no século XXI?***

Essa não é uma questão de fidelidade à Bíblia, como muitas vezes se afirma com miopia e excesso de zelo, mas sim da correta compreensão da Bíblia. O esforço do estudo bíblico precisa ser feito (sempre de novo) e o tempo precisa ser investido, se levamos realmente a sério a chamada fidelidade à Bíblia. Caso contrário, ela continua sendo uma fórmula vazia, de aparência piedosa e repetida sem parar. Ou até mesmo um *xibolete* para traçar fronteiras onde não deve havê-las, ou para invocar fidelidade onde caberia reflexão ou moderação.

Contextualização

A contextualização pressupõe que primeiro se estude a Escritura em seu ambiente. Só depois ela procura descobrir o que esse texto tem a dizer hoje. Portanto, não se trata tanto de mandamentos diretos, como o mandamento do amor ou a proibição de mentir. Não temos problema em aceitá-los como atemporais. É diferente quando se trata de exterioridades ou de costumes e práticas (carne sacrificada a ídolos etc.) que hoje já não conhecemos.

Paulo evidentemente faz referência a usos e costumes da época na Corinto grega e no Império Romano como um todo. Nenhum intérprete, nem mesmo um leitor da Bíblia, pode passar ao largo dessa referência à cultura de então. E é exatamente isso que acontece com a imensa maioria dos intérpretes, embora os conhecimentos sobre os fatos históricos e suas interpretações variem às vezes muito, o que influencia a qualidade da interpretação do texto. (Para todos os que, como eu, vêm do movimento dos Irmãos: também Darby e Kelly não explicaram o tema do véu e do cabelo exclusivamente a partir do próprio texto, mas também se referiram à cultura de então. Pois cobrir a cabeça é um tema cultural, e não bíblico-teológico.) Paulo consegue avaliar costumes culturais à luz do relato da criação e até fundamentá-los, para responder a essa(s) questão(ões), sem dúvida importante(s) para os coríntios.

Em sua argumentação, Paulo não estabelece nenhuma norma supratemporal, nenhum código de conduta que valha de forma transcendente através dos séculos, ou mesmo desde o início da criação, e que seja atemporal. ***Paulo argumenta como se comportar, apesar da liberdade do evangelho, de modo que nenhum de seus contemporâneos se escandalize. Mesmo quando isso restringe a liberdade cristã.*** Não porque isso seja teologicamente ordenado ou fundamentado, mas porque segue a regra de ouro que ele formula assim, imediatamente antes de começar justamente este capítulo:

1 Coríntios 10:31-33: Quer vocês comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo para a glória de Deus. Não sejam motivo de tropeço nem para judeus, nem para gregos, nem para a assembleia de Deus; assim como também eu procuro agradar a todos em todas as coisas, não buscando o meu próprio proveito, mas o de muitos, para que sejam salvos.

Essa "regra de ouro" é uma chave para o texto que vem logo em seguida. Pois as regras que Paulo quer transmitir aos coríntios por meio de argumentos são uma combinação de "dar glória a Deus em tudo" e, ao mesmo tempo, não ser motivo de tropeço para seus contemporâneos e semelhantes por causa de exterioridades ou comportamentos que naquela época eram considerados inadequados ou até uma vergonha no sentido cultural (não teológico). Os cristãos de Corinto, de qualquer forma, haviam crescido nesses costumes, e cumpri-los ou suportá-los não era um preço alto demais se, por esse caminho, pessoas pudessem ser ganhas para Cristo. Paulo não adota como seus os aspectos exteriores da cultura greco-romana, ainda que recomende observá-los, mas procura encontrar um caminho que leve em conta diversos aspectos. Um caminho no fio da navalha, que, por um lado, reflete e leva a sério o acontecimento da criação do homem e da mulher e, por outro, inclui plena e totalmente a sensibilidade das pessoas em geral (da sociedade).

Antecipo aqui uma referência ao versículo 10, onde Paulo diz claramente (de modo diferente da maioria das traduções; mais sobre isso adiante) que a mulher tem autoridade sobre a própria cabeça, isto é, para cobri-la ou não. Mas ela deve tomar sua decisão justamente levando em conta o critério mencionado acima e outros aspectos de que ainda vou tratar.

Âmbito de validade do texto

Para que âmbito valem as recomendações para as quais Paulo deseja ganhar os coríntios, apesar da liberdade deles?

É a reunião! Orar e profetizar podem e devem acontecer em qualquer lugar e a qualquer momento, mas na carta aos Coríntios (veja sobretudo o cap. 14) são conteúdos principais da reunião. No contexto da carta, é preciso esclarecer em que lugar e em que ocasião se está pensando.

Os defensores de uma ordem de silêncio para as mulheres nos cultos transferem a constatação de Paulo de que as mulheres oram e profetizam para qualquer outro lugar, menos justamente para o culto. Isso não é plausível, pois a cobertura da cabeça se destina ao público: ela precisa ou pode ser vista, senão não faria sentido. Além disso, nos capítulos 12-14 os dons do Espírito são distribuídos em toda a sua amplitude e sem nenhuma restrição de sexo, e – como se enfatiza várias vezes – ***todos*** participam da reunião. Portanto, a ordem para que as mulheres fiquem caladas (1 Coríntios 14:34-35) não pode estar em contradição com isso, mas precisa ser respondida à luz dos capítulos 11-14 e, em última análise, no contexto da carta inteira. Então se trata de um falar de mulheres que é perturbador na igreja doméstica, onde os cristãos se reuniam. Provavelmente um falar que perturba a troca espiritual, ou que se intromete e causa distração, ou que até significa vergonha para os maridos, quando suas esposas os expõem na reunião, em linguagem de hoje: os "fazem passar vergonha". Em todo caso, respeitando as regras hermenêuticas básicas, não pode ser uma proibição geral de falar. Só é isso quando se isolam esses versículos e se olha para eles como se estivessem completamente sozinhos.

Paulo, um inimigo das mulheres?

Como este texto é percebido através de ***óculos histórico-críticos*** pode ser visto nesta citação: "Este texto contribuiu para a opressão das mulheres na Igreja e nas sociedades influenciadas por ela. De modo algum ele corresponde – mesmo com a interpretação mais benevolente – ao que, no século XXI, se deve dizer de forma cristã-teológica sobre as relações entre os sexos. Igualdade e justiça nas relações entre os sexos e uma abordagem crítica das ideologias heterossexuais eram desconhecidas para Paulo. Será preciso perguntar em que sentido um texto assim ainda poderia ser inspirador. Ou será que o texto, da perspectiva de hoje, só pode ser rejeitado, porque prejudicou a justiça e foi um erro de um homem que, na verdade, trabalhou em seu tempo pela justiça na terra?"[5] Essa opinião representa a percepção amplamente difundida deste texto, que eu de modo algum compartilho. Uma postura crítica negativa em relação ao texto bíblico tem de levar a essa opinião.

Do outro lado, do ***lado fiel à Bíblia***, esse tipo de crítica é rejeitado com veemência, e constata-se: a submissão hierárquica, e não a igualdade ou a igualdade de direitos, é o plano de Deus desde o princípio. Isso resiste ao "espírito da época" da filosofia de gênero.

Precisamos escolher entre esses dois pontos de vista extremos? Existe outro caminho para explicar este texto sem misturar os dois pontos de vista? Isso, para mim, seria um meio-termo preguiçoso.

Existe uma leitura que não sucumbe a nenhuma das duas explicações, mas se orienta por Paulo, por suas 13 cartas e pelo livro de Atos, e naturalmente por Jesus, que Paulo tinha como modelo: ***"Sejam meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (1 Coríntios 11:1).*** Isso não deixa espaço algum para declarações discriminatórias sobre as mulheres. ***Não, Paulo é um amigo das mulheres, que, no***

esplendor da luz de Cristo, conheceu e viu a verdade. Também a sua imagem judaico-helenística da mulher foi reformada à luz do evangelho.

Para Paulo é importante não ser motivo de tropeço, mas ao mesmo tempo permanecer fiel ao evangelho. Cobrir a cabeça era, para os homens, conforme a origem e a formação, o costume habitual nos cultos religiosos. No círculo dos crentes, os homens não devem cobrir-se ao orar e ao falar profeticamente. As mulheres, ao contrário, quando fazem exatamente o mesmo que os homens, segundo Paulo, devem cobrir-se. E isso vale para todas as mulheres, também para aquelas que, na sociedade de então, não tinham permissão de se cobrir, a saber, as escravas e as libertas ou as mulheres solteiras. Ambas as coisas são então, em parte, também contraculturais, porque aqui a cultura contradiz o cerne do evangelho. Também não se trata de uma instrução (contra Armin Baum e Schnabel) de que todas as mulheres devam cobrir-se na rua, isto é, na vida pública, pois a cultura proibia isso às camadas mais baixas, as escravas. De qualquer forma, era costume que as mulheres casadas se cobrissem ou usassem véu.

Paulo também não defende a cobertura da cabeça como sinal de submissão ao homem. A submissão, a posição e o valor inferiores da mulher em relação ao homem já estavam, de qualquer forma, gravados em pedra havia muito tempo. Isso não precisava ser exibido. Essa cobertura tinha uma função concreta; era, se quisermos, um sinal funcional, pouco ou nada um símbolo hierárquico.

A quem Paulo se dirige? Quem deve ser corrigido?

Quase todos os intérpretes estão convencidos de que se dirige a mulheres que, a partir da liberdade recém-conquistada, se recusavam a continuar usando a cobertura da cabeça habitual na época. Esta, por sua vez, seria expressão e reconhecimento da submissão ao homem, já que, como evidentemente se deduz neste texto a partir da criação, a mulher está hierarquicamente subordinada ou posposta ao homem em geral, e a esposa ao marido em particular. Se alguém se incomoda com o termo hierarquia e prefere falar de ordem da criação ou de ordem(ns) santa(s), deveria ter clara uma coisa: com toda a igualdade de valor e de dignidade entre homem e mulher, ele defende, ainda assim, uma desigualdade como ordem de Deus. O homem lidera e responde por tudo; a mulher segue em submissão.

Se um comportamento emancipatório das mulheres foi o que desencadeou este texto de Paulo, então é preciso explicar por que ele começa com as palavras de que ***Cristo é a cabeça do homem***. Esse começo dirige a atenção aos homens, e de tal forma como se eles tivessem sido o motivo da argumentação que se segue.

Cynthia Long Westfall defende a opinião de que havia em Corinto homens que sugeriam às mulheres, ou as pressionavam, que renunciassem à cobertura habitual da cabeça. Mulheres casadas de posição respeitável não estavam dispostas a tirar sua cobertura. Isso contrariava o costume da cultura em que haviam crescido. Sua cobertura da cabeça era proteção e expressão de dignidade, decoro e pureza moral. Não era um símbolo de submissão, mas sim um sinal de seu vínculo como esposa ao seu marido.

Escravas e libertas, solteiras (e talvez também viúvas?) não tinham permissão de se cobrir e, como camada mais baixa, estavam entregues às investidas sexuais. As prostitutas não se cobriam nem usavam véu e tinham o cabelo cortado, ou seja, penteados de cabelo curto, fosse de que forma fosse. E se elas chegassem à fé? Paulo diz no início da carta (1:26-29) que muitas pessoas simples e pobres, não de posição elevada ou nobre, chegaram à fé. Portanto, era preciso dizer a essas mulheres que elas,

contrariando os costumes sociais, podiam cobrir-se. Pois na igreja da nova aliança e da nova criação a posição social já não desempenha papel algum, como também confirma Gálatas 3:28.

Aspectos da situação cultural dos cristãos de Corinto

Sempre que se investiga essa questão e se depende de dados de historiadores, convém observar a visão de Paulo sobre o seu tempo e a sociedade: não se deve conformar com o curso deste mundo, e portanto também não com a respectiva cultura, quando ela contradiz o evangelho (Romanos 12:2). Existem limites para a "acomodação" no evangelho. Tornar-se grego para os gregos (cf. 1 Coríntios 9:20-22) não significa justamente reclinar-se à mesa no templo dos ídolos e comer carne sacrificada a ídolos. Aliás, a avaliação de Paulo sobre o curso deste mundo é – diferentemente dos usos e costumes de uma época – atemporal e sempre válida.

O tema deste ensaio gira em torno da questão dos sexos e do comportamento e da aparência exterior que lhe correspondem:

"Na sociedade greco-romana, a legislação e a imposição do comportamento 'correto' das mulheres eram uma preocupação principal das autoridades, porque elas acreditavam que a desordem no lar tinha efeitos subversivos sobre o bem do império."[6]

"Para que a missão de Paulo entre os gentios pudesse ter êxito, o comportamento das mulheres cristãs precisava coincidir com o que as mulheres praticavam no mundo greco-romano em geral do século I. Por isso, as preocupações de Paulo relativas aos sexos eram muitas vezes missionárias quando ele tratava dos papéis dos sexos na igreja e em casa, e sua intenção era que os crentes se integrassem à cultura e, ao mesmo tempo, permanecessem eticamente puros. Adaptar-se à cultura do século I era algo diferente de adaptar-se à cultura do século XXI. As concepções ocidentais modernas sobre como os sexos normalmente se comportam e se relacionam entre si diferem claramente das concepções da cultura greco-romana."[7]

"A relação patrono-cliente e a reciprocidade, que formam os elementos básicos da cultura, marcam também as relações entre maridos e esposas."[8] Por patrono entende-se um benfeitor ou apoiador que estava em posição ou condição mais elevada, ainda que fosse só por causa de sua prosperidade ou riqueza. "No mundo greco-romano, o marido e a esposa eram, em regra, parceiros desiguais no sistema/na relação de patronato. O marido funcionava como benfeitor e a esposa como a parte subordinada na relação conjugal, a não ser que ela trouxesse um grande dote para o casamento."[9]

"(Corinto) era um lugar que oferecia todo tipo de atividade sexual disponível aos homens (assim, 'comportar-se como uma coríntia' significava entregar-se à imoralidade sexual), e a expressão 'moça coríntia' era um eufemismo para prostituta. Não havia uma classe alta; em vez disso, a prosperidade de Corinto havia criado uma classe de novos-ricos. Paulo, porém, observa que a igreja de Corinto não recrutava seus membros apenas da elite abastada, mas principalmente daqueles a quem faltava status ou poder (1 Coríntios 1:26)."[10]

Quando, portanto, pessoas de todas as camadas, sem nenhuma socialização cristã prévia, chegavam à fé e à comunhão dos crentes, essas pessoas ainda estavam marcadas pelos vícios de toda uma vida. A sexualidade estava no ar; podia-se obtê-la em qualquer lugar. A igreja estava confrontada com esses temas e comportamentos.

A prática da reunião

O grande povo (Atos 18:10) que Deus chamou para fora na cidade portuária de Corinto por meio de Paulo e de seus colaboradores não podia reunir-se num só lugar. A não ser que tivessem alugado o teatro ou uma arena, o que era totalmente impossível para um culto novo, praticado sobretudo por gente simples. Por isso eles se reuniam nas casas, grandes ou pequenas, em algumas poucas mansões e, na maioria das vezes, em casas ou moradias simples (como ainda hoje se pode ver em Éfeso). Quando se reuniam, eram as mulheres que preparavam a comida (em parte também a traziam). A Ceia do Senhor fazia parte da refeição comum.

Para os homens e as mulheres na igreja doméstica valia o que Paulo expressa. Westfall resume assim: "A diferença entre homens e mulheres, portanto, não é uma distinção de papéis na igreja, mas antes de como eles funcionam de modo diferente nesses papéis. Mulheres e homens podem servir a Deus nos mesmos ministérios, mas há exigências diferentes, que incluem uma aparência exterior específica de cada sexo. Não é expressão de um padrão duplo, em que os homens não têm restrições enquanto as mulheres são restringidas; ambos são restringidos."[11]

"Por fim, aponte-se mais uma vez para um ponto que, embora não faça parte da intenção de afirmação dos argumentos paulinos, é importante. Paulo fala com toda a naturalidade de que as mulheres oram e falam profeticamente na reunião da igreja. Isso significa que as mulheres expressam publicamente a realidade de Deus e de sua palavra exatamente como os homens."[12]

O que é público?

Por público entende-se normalmente o âmbito em que se encontra qualquer pessoa. No mercado de Corinto, no porto ou no templo dos ídolos. Em última análise, tudo o que está fora da própria casa é público.

A reunião de culto acontecia em casas particulares de cristãos abastados ou de posição elevada, assim como em casas e cômodos de cristãos menos abastados. Isso era público? Não era comparável à situação no mercado, mas os indoutos ou incrédulos tinham acesso a essas reuniões. Ou conduzidos até ali pelo Espírito Santo, ou convidados por cristãos. Nesse sentido, também a reunião não é uma sociedade fechada, mas o lugar onde todas as pessoas podem encontrar o Deus vivo.

Por isso é importante preservar os usos e costumes nessa reunião, e isso tanto para os homens quanto para as mulheres. O incrédulo não deve escandalizar-se, mas ser convencido por Deus, por sua presença santa e eficaz (1 Coríntios 14:16,23-25).

Vários intérpretes levantam a pergunta se com isso também se indica um código de vestimenta fora da reunião. Olhando bem, esse não é nem o tema nem a pergunta dos coríntios neste texto. Aqui entra a regra de ouro de 1 Coríntios 10:31-33, que diz que não se deve ser motivo de tropeço para ninguém. As mulheres casadas se cobrem quando saem de casa. As escravas não, mas sim no culto, como Paulo escreve.

Cobertura da cabeça em Corinto

A esse respeito, mais algumas citações e reflexões mais detalhadas. Estou convencido: só quem não entende o costume da cobertura da cabeça e do uso do véu transfere este texto de Paulo ao pé da letra para os dias de hoje. E isso numa hermenêutica unidimensional, em preto e branco, que no fim se

torna a justificativa de um legalismo estreito, como encontrei muitas vezes e também vivi pessoalmente.

"Michelle Auerback resume a argumentação a favor do véu: ***'Símbolos, declarações, só têm significado numa cultura que sabe o que eles significam.'*** Mas, nos estudos bíblicos tradicionais, a maioria partiu do pressuposto de que o véu em 1 Coríntios 11:3-16 significa 'sujeição', ***sem se ocupar em compreender os significados que o véu tinha para as mulheres na antiga cultura do Mediterrâneo oriental*** ou em seu uso, ainda amplamente difundido, numa série de culturas modernas."[13]

"Bruce Winter constata que, na época do Império Romano, 'se pode partir com segurança do pressuposto de que a cabeça velada era o símbolo da modéstia e da castidade que se esperavam de uma mulher casada.'"[14]

"Agora, porém, temos acesso a relatos de mulheres de culturas que praticam o uso do véu pelas mulheres, e que contam outra história. Constatamos que no islã e no judaísmo existe uma forte corrente de mulheres piedosas fundamentalistas que usam véu por razões que soam muito parecidas com a fundamentação de Paulo em 1 Coríntios 11:3-16. No entanto, não dependemos inteiramente de paralelos antropológicos posteriores, que correm o risco de ser anacrônicos. ***A história das mulheres que se recusam a tirar o véu e as razões para usar o véu podem ser rastreadas até a cultura assíria***."[15]

"***A preocupação de Paulo parece estender-se a todas as mulheres da igreja que profetizam e oram – incluindo escravas, libertas, solteiras e viúvas.*** O modo de vestir da matrona romana[16] manifestava tanto a sua posição quanto 'o seu status e o seu papel como mulher sexualmente apta na sociedade romana.' ***Por outro lado, uma cabeça sem véu significava disponibilidade sexual, de modo que a uma escrava ou a uma liberta era proibido o uso do véu***."[17]

"A regulamentação do uso do véu era prerrogativa dos homens; eles seriam os que mais naturalmente veriam a necessidade de estabelecer uma diretriz. ***Na prática romana, tanto homens quanto mulheres cobriam a cabeça para orar. Paulo evidentemente ensinava os homens nas igrejas a orar com a cabeça descoberta, contrariando a prática romana (1 Coríntios 11:4), de modo que os homens talvez pensassem que o que vale para o ganso vale também para a gansa. Mas, enquanto a cabeça descoberta de um homem era um sinal de sua humildade diante de Deus, a cabeça descoberta de uma mulher não era um sinal da humildade de uma mulher diante de Deus; antes, enviava um sinal sobre sua disponibilidade sexual, que podia equivaler a uma sedução.*** Mas ideais culturais sobre o que era apropriado podiam ser abandonados por alguém em favor de supostas prioridades teológicas."[18]

"Costuma-se supor, sem questionar, que Paulo estava corrigindo as mulheres coríntias. ***A passagem, porém, fica mais coerente se supusermos que as mulheres coríntias se recusavam a tirar suas coberturas da cabeça ou seus véus***, mas eram pressionadas ou incentivadas a tirar os véus pelas pessoas de autoridade, pelos homens da igreja doméstica ou possivelmente até por seus próprios maridos. Esse é um tipo de cenário que se repete constantemente em culturas que usam o véu."[19]

O uso do véu tornava visíveis as diferenças sociais, o alto e o baixo das classes. Essa diferença entre classes pode ser observada ao longo de 1800 anos, até a Idade Moderna. "Isso não só sinalizava que tais mulheres estavam sexualmente disponíveis, mas também mantinha a ordem social e uma distinção entre as classes. […] ***O apoio de Paulo ao uso do véu por todas as mulheres igualava as***

relações sociais na igreja; na medida em que esse uso do véu estava em suas mãos, ele assegurava respeito, honra e pureza sexual às mulheres da igreja a quem esse status era negado na cultura."[20]

"Na cultura do Oriente Próximo, uma mulher da classe alta cobria a cabeça para sinalizar sua devoção e modéstia. Sua cabeça coberta sinalizava também diretamente a sua própria honra e a honra de sua família – em especial do seu *paterfamilias* (chefe da casa na Antiguidade), a fonte de sua identidade. Paulo recorre ao significado complexo do símbolo para apresentar um argumento teológico a favor do uso do véu com base no relato da criação."[21]

Eckhard J. Schnabel escreve: "O uso de uma cobertura da cabeça por mulheres (não só em contextos religiosos) tem, no âmbito cultural romano-helenístico, uma plausibilidade evidente. Estátuas romanas, sobretudo retratos das mulheres da família imperial, bem como relevos funerários, representam mulheres casadas com a estola (*palla*) puxada sobre a cabeça ou com a *vitta*, a faixa de lã para a cabeça ou para o cabelo, que eram consideradas símbolo de decência e castidade. As mulheres não eram obrigadas a usar a estola em público. O uso da estola, porém, simbolizava a sua castidade. A legislação matrimonial de Augusto determinava que às prostitutas era proibido usar a estola da esposa decente, a matrona."[22] Armin Baum escreve sobre a cobertura da cabeça:

O que significava a cobertura da cabeça feminina na Antiguidade?

Para entender o pano de fundo cultural de 1 Coríntios 11:5-6, é preciso voltar pelo menos até o segundo milênio antes de Cristo. Nas leis médio-assírias do reinado do rei assírio Tiglate-Pileser I (1115-1076 a.C.) se lê: "Se um cidadão quiser velar a sua reclusa (isto é, a sua concubina, com a qual não é casado), fará sentar cinco ou seis de seus companheiros, a velará na presença deles e dirá: 'Ela é minha esposa.' Então ela é (de fato) sua esposa." No casamento, portanto, a cabeça da esposa era coberta com um pano. A cabeça coberta era o sinal visível da esposa.

Esse costume se manteve durante séculos. Também era muito difundido na época do Novo Testamento, quando Paulo escreveu a sua primeira carta aos Coríntios. Em última análise, o antigo velamento da esposa é até mesmo um precursor do nosso moderno véu de noiva, que a noiva usa no casamento na igreja. Há milênios as mulheres, ao se casar, ficam, no sentido mais literal da palavra, "debaixo do véu". Em suas inúmeras variantes, a cobertura da cabeça simboliza sempre a mesma coisa, a saber, o novo status da esposa.

No judaísmo, tirar a cobertura da cabeça significava que a fidelidade conjugal estava em questão. De uma adúltera, a cobertura da cabeça era até mesmo arrancada à força. Renunciar voluntariamente a uma cobertura da cabeça era um sinal de estar disponível para os homens.

Onde as mulheres deviam usar a cobertura da cabeça? Quando participavam audivelmente do culto, ou seja, quando a atenção de todos os presentes estava voltada para quem falava. Todos podiam e deviam participar, segundo Paulo. Devemos então supor que elas estavam sempre cobertas no culto? É bem possível, mas não sabemos. Se tomarmos Paulo literalmente neste ponto, então elas só se cobriam quando erguiam a voz no culto.

"Este estudo refuta o pressuposto predominante nos estudos bíblicos de que o véu simbolizava a sujeição da mulher ao seu marido. O uso do véu não era um símbolo privado, mas uma prática pública, regulada por lei e costume, e esperava-se tanto de homens quanto de mulheres que se submetessem ao costume. ***Em resumo, o véu representava a honra, o status e a proteção da mulher.***"[23]

“Era (e é) comum que mulheres se recusem a tirar o véu, porque ele simboliza honra e proteção. É mais provável que mulheres que não tinham permissão de usar véu em público quisessem usar um véu na reunião para simbolizar que haviam sido justificadas por Cristo. A instrução de Paulo a todas as mulheres para que usassem véu era anti- ou contracultural e benevolente para com as mulheres. A prática de todas as mulheres usarem o véu equilibrava as relações sociais na igreja cristã.”[24]

Que os homens cobriam a cabeça em atos religiosos está bem documentado entre os romanos, entre os gregos só em parte. Em reflexões e interpretações chama a atenção que se dá muito menos atenção à cobertura da cabeça dos homens.

Uma estátua de César Augusto realizando um sacrifício no templo em Corinto mostra o soberano com um véu cobrindo a cabeça. Richard Oster explica que os homens gregos, nos sacrifícios religiosos a deuses pagãos, muitas vezes cobriam a cabeça. É provável que Paulo estivesse comentando a prática anterior dos coríntios na idolatria pagã. Cipriano comentou isso ainda no século III: ‘Vossa cabeça ficou livre do véu ímpio e sacrílego com que ali eram cobertas as cabeças cativas dos que sacrificavam’ (De lapsis 2). Brian Rosner mostra de forma convincente que Paulo, em 1 Coríntios 6:12-20, estava preocupado com homens que praticavam atos sexuais em eventos sagrados. Assim, a preocupação de Paulo com as coberturas da cabeça masculinas também poderia ter sido uma repreensão contra atos sexuais com prostitutas do templo. Ainda assim, Paulo não aprofundou o tema no versículo 4, o que indica que ele usou essa situação apenas como contraste com as mulheres.

Diretrizes e aspectos para a interpretação do texto

A maioria dos leitores destas linhas não lê o texto de Paulo pela primeira vez. Para eles, seguem alguns aspectos que talvez abram um novo acesso ao texto. Esses aspectos são o resultado de uma ocupação repetida com este texto e com os estudos correspondentes, e não simplesmente caíram do céu. Eles podem ajudar a não cair na leitura habitual, que entende o texto através dos óculos da submissão hierárquica da(s) mulher(es), o que, como já descrito, não é o tema.

- O texto dá importância sobretudo a como tudo deve acontecer para a glória de Deus.
- Trata-se de realçar a glória de Deus no culto, de modo que homens e mulheres se comportem e se vistam de forma que a atenção não seja desviada para eles.
- (Alguns) homens foram a causa e o motivo do ensino de Paulo, ao exigirem que as mulheres deixassem de lado a cobertura da cabeça.[25]
- São abordados usos e costumes culturais e sociais. Vergonha e desonra não o são em sentido religioso ou teológico, mas na sensibilidade social.
- Por isso não se trata de mandamentos atemporais de Paulo, ainda que ele cite a história da criação em sua argumentação.
- A liberdade em Cristo está em tensão com não ser motivo de tropeço para o próprio ambiente.
- Trata-se da cobertura do cabelo (não simplesmente da cabeça), e também não de um véu que cubra tudo.
- Em lugar algum se trata da ordem hierárquica da criação, na qual o homem está acima da mulher. Em lugar algum se trata também da submissão da mulher ao homem. Ambos oram e falam profeticamente, em igualdade de posição e em igualdade de condições.
- Paulo fala, em última análise, de todas as mulheres, não só das casadas. Ele permanece focado numa relação mais geral entre homem e mulher, que está fundamentada na criação e vale

também quando uma mulher é escrava e não tem formalmente marido, pai ou tutor que seja sua cabeça.

- Aspectos exteriores, como roupa ou penteado, não são prescritos pelo evangelho. São essenciais no culto da antiga aliança, mas não na nova aliança, que os coríntios celebravam na Ceia do Senhor.
- Não se trata de regras de comportamento para homens e mulheres no século XXI.

Segue um estudo de cada versículo desta passagem.

1 Coríntios 11:3-16[26]

> *3 Quero, porém, que vocês saibam que o*
> *Cristo é a cabeça de todo homem,*
> *e a cabeça da mulher é o homem,*
> *e a cabeça do Cristo é Deus.*

Paulo apresenta três pares para, em última análise, falar sobre o tema da cobertura da cabeça. Não se trata de uma sequência de degraus ou de uma hierarquia: Deus, depois Cristo, abaixo dele o homem e no fim a mulher. Não é uma cadeia de comando. No fim não está a mulher, mas Deus, de quem tudo procede (v. 12). Três pares estão, como analogias, ***lado a lado***. Não se trata de uma ordem da salvação. A relação da mulher com Cristo não se distingue em nada da relação do homem (ou do marido dela) com Cristo.[27]



A palavra ***cabeça*** (em alemão *Haupt*) conduz, no uso da língua alemã e em sentido figurado, diretamente à ideia de uma figura de autoridade, como, por exemplo, em *Hauptmann* (capitão). É assim também que quase todos os intérpretes a entendem. Algumas traduções nem sequer usam a palavra "cabeça", mas a traduzem logo como submissão. A NeÜ (tradução alemã da Bíblia) usa de imediato a palavra ***Oberhaupt*** ("chefe", "cabeça suprema") e assim não deixa nenhuma dúvida sobre aquilo em que supostamente se apoia a argumentação de Paulo para fundamentar a cobertura da cabeça das mulheres. "A maioria dos estudiosos partiu do pressuposto de que o tema de 1 Coríntios 11:3-16 é a autoridade dos homens e a submissão das mulheres. Isso se deve em parte ao fato de que 'cabeça' é, em latim, inglês e alemão, uma metáfora de autoridade, de modo que o sentido de 'autoridade' pareceu evidente na história da interpretação da passagem."[28]

Como em todo este texto não se trata, de modo algum, da questão da autoridade e da submissão, é preciso esclarecer qual é o sentido metafórico de cabeça. Sobre isso, como não podia deixar de ser,

defensores da hierarquia e defensores da igualdade entraram em acalorada disputa. ***Este texto, em todo caso, apoia o sentido de cabeça como fonte e origem (v. 8,12).***

"Westfall fundamenta que as alusões a Gênesis 1–2 no contexto restringem a possível variedade e amplitude dos sentidos metafóricos de 'cabeça' na língua grega, para se referir à fonte da vida, de modo que se poderia parafraseá-lo assim: ***'Mas quero que vocês reconheçam que a vida de todo homem vem de Cristo, a vida de uma mulher vem do homem e a vida de Cristo vem de Deus.'"***[29] … "Como o homem é a origem da vida da mulher, ele é a sua cabeça. Se o homem é a cabeça da mulher e eles são uma só carne, então Paulo conclui que a mulher é o seu corpo. Paulo é capaz de usar a metáfora da 'cabeça' ao aplicá-la ao casamento, ao homem e à mulher, à relação entre Cristo e a igreja e à relação entre Cristo e Deus, o Pai; ele usa 'cabeça' para interpretar essas relações umas pelas outras."[30]

"O campo de significado de κεφαλή (cabeça) abrange a cabeça de um ser humano ou de um animal, que foi ampliada para metáforas que incluem identidade, fonte, vida e provisão. No grego idiomático (uso da língua), não significava 'autoridade', o que fica evidente a partir de seu verbete no Greek-English Lexicon de Liddell e Scott."[31] … "Assim Paulo usa κεφαλή: ***para se referir à origem ou à fonte da vida e da identidade no contexto das relações familiares*** – marido e esposa, a igreja como família, e Deus, o Pai, e seu Filho, Jesus Cristo."[32]

"A relação da humanidade com Adão é designada pelos teólogos como '***condição de cabeça***', 'cabeça natural' ou 'cabeça federal'." … "Adão é a cabeça da humanidade porque é a fonte da vida biológica. Por isso não se atribui a Adão nenhuma primazia, honra, autoridade ou veneração diante da humanidade ou sobre ela***; trata-se antes de uma relação com base na identidade que resulta da origem*** e que Paulo avalia negativamente. Jesus substitui Adão como cabeça, ***porque Jesus é a fonte espiritual doadora de vida que enche a igreja, e a igreja forma com ele uma unidade orgânica (Efésios 1:22; 4:15-16; Colossenses 1:18).***"[33]

"Se a condição de cabeça de Cristo sobre os seres humanos for entendida como a fonte da vida/existência deles, então a analogia entre os três pares é paralela, e investigá-la contribui abundantemente para a nossa compreensão da teologia paulina." … "De modo semelhante, a explicação de Paulo sobre a relação entre homem e mulher e entre marido e esposa pode ser interpretada de forma coerente com a compreensão histórica da condição natural/biológica de cabeça de Adão. ***É uma relação familiar."***[34] ***… "Na cultura grega, o conceito da condição de cabeça de um patriarca de linhagem incluía a representação e a identidade da família."***[35]

"Por fim, a última das três associações de 'cabeça' é significativa para o seu uso como sinônimo. ***Anthony Thiselton explica que a cabeça anatômica representava também o corpo inteiro. Quando alguém desonrava a sua cabeça física, a pessoa inteira ficava contaminada. Paulo observou que a aparência de uma pessoa recai sobre os outros e sobre ela mesma.*** O uso repetido da palavra 'cabeça', portanto, não se destinava a marcar posições hierárquicas ou a criar uma diferença entre os sexos. Em vez disso, era um recurso poético que servia para modificar os atos de culto coríntios, a fim de evitar uma ligação com uma religião pagã fortemente envolvida em rituais sexuais."

O conteúdo metafórico no uso da época tem certa amplitude. Cabeça representa tanto unidade, identidade e origem quanto a mais alta reputação de uma pessoa. Em suma, mostra como homem e mulher estão ligados e se relacionam um com o outro, e como se está vinculado à cabeça.

Na sua igualdade de posição existe, dependendo da cultura em que vivem, um comportamento exterior diferente. Não são os papéis que são distintos; em 1 Coríntios 11 os papéis são justamente iguais, pois ambos oram e profetizam. Mas nisso há diferenças na aparência exterior, e elas estão fundamentadas na cultura da época. Paulo acolhe essas circunstâncias culturais e consegue até relacioná-las com a ideia da criação.

> *4 Todo homem que ora ou profetiza tendo algo sobre a cabeça desonra a sua cabeça.*

Orar e profetizar, isto é, falar profeticamente, fazem parte da reunião de culto. A presença de Deus na reunião se manifesta tanto no falar a Deus, em súplica e adoração, quanto no falar de Deus à igreja reunida. Todos os membros do corpo de Cristo, homens e mulheres, são chamados a fazer as duas coisas.

Os homens não devem ter nada sobre a cabeça quando oram e profetizam. ***Esta é uma constatação de Paulo, uma afirmação que não pode ser esclarecida sem referência à cultura (religiosa) daquela época. Durante muitos anos procurei, como outros também, uma justificativa para isso no contexto imediato, depois na carta inteira, em seguida em todo o Novo Testamento e, por último mas não menos importante, no Antigo Testamento. Sem resultado sensato e plausível.***

Os romanos cobriam a cabeça em atos religiosos; os gregos, ao contrário, em geral não (Keener). Homens que agora confessam Jesus se distanciam das práticas e dos comportamentos que ocorriam nos cultos aos ídolos em Corinto e em outros lugares.

"(O homem) age de forma vergonhosa porque, ao orar, está mais preocupado com o seu próprio prestígio pessoal do que com a honra de Jesus Cristo. Em relação a Cristo, a afirmação significa que os que confessam Jesus e pertencem às camadas mais altas da sociedade, e que ao orar exibem ostensivamente o seu status elevado, trazem vergonha a Cristo, porque não glorificam a Cristo, mas a si mesmos (cf. a palavra δόξα (honra, glória), repetida três vezes nos v. 7–8).[36] … Eles atraem a atenção para si mesmos, em vez de dirigir a atenção dos presentes para Deus, de quem tudo procede (v. 12) e a quem se invoca na oração (v. 13). ***Na sociedade romana, descobrir a cabeça, quando por acaso se tinha puxado a toga sobre ela, sinalizava a presença de pessoas dignas de veneração*** (Plutarco, Mor 266)."[37]

"***Nesse contexto, o homem (sem cobertura na cabeça) mostra sua humildade ao aparecer diante de Deus como a imagem não adornada de Deus, e a mulher dá honra a Deus, a si mesma e à sua família ao recolher a sua glória/beleza em público e no culto.***"[38] Pois as mulheres fazem o contrário: elas se cobrem.

Que cabeça o homem desonra? Em primeiro lugar, a sua própria cabeça. Ele desonra a si mesmo como pessoa, que é representada pela sua cabeça. E desonra a Cristo, sua cabeça, porque com uma cobertura da cabeça ele atribui a si mesmo (consciente ou inconscientemente) a honra que não lhe cabe na presença de Deus.

> *5 Toda mulher, porém, que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua cabeça;*
> *pois é uma e a mesma coisa que se ela estivesse rapada.*

"***Os homens devem, ao orar e profetizar, abandonar a tradição romana e elitista de puxar a toga sobre a cabeça. As mulheres, porém, devem orar e profetizar sempre apenas com a cabeça coberta.***

A expressão 'com a cabeça descoberta' não descreve um determinado estilo de cabelo das mulheres, mas uma cobertura têxtil da cabeça, concretamente a estola (palla) puxada sobre a cabeça."[39]

"A argumentação de Paulo apoia essa compreensão quando ele diz que uma cabeça descoberta representa uma vergonha para uma mulher, semelhante a raspar-lhe a cabeça, o que destrói a sua reputação e, portanto, diminui o seu valor (1 Coríntios 11:5-6). Esse sentido da cabeça descoberta era compartilhado pelo direito romano, que dizia que, se uma mulher não estivesse vestida como uma matrona (incluindo o uso de um véu ou o cabelo preso) e um homem tentasse seduzi-la ou importuná-la, ele não podia ser processado por lesão corporal."[40]

"Paulo critica mulheres coríntias que, ao aparecerem na reunião da igreja sem a estola puxada sobre a cabeça, enviavam consciente ou inconscientemente sinais não verbais de que estavam 'disponíveis'. As reuniões de culto da igreja, porém, não são o lugar onde mulheres enviam sinais e se tornam 'objetos examinados' pelos homens. O argumento de que se trata do orar e do profetizar da mulher, e não de sua aparição em público, pode ser respondido, do ponto de vista de Paulo, assim: ele entende as reuniões da igreja justamente como espaço público, para o qual pessoas de fora são convidadas e no qual estão presentes."[41]

Diferentemente de Schnabel, Westfall vê, como já observado, os homens como aqueles que queriam eliminar a cobertura da cabeça das mulheres. Por quaisquer motivos que fossem: liberdade do evangelho ou, negativamente, motivos sexuais subliminares. ***Paulo, portanto, mostra de forma drástica aos homens que exigiam das mulheres que renunciassem à cobertura da cabeça o que a exigência deles significava, em última consequência, para uma mulher.*** Uma mulher rapada atraía sobre si toda a vergonha, como adúltera ou como prostituta. "Paulo identifica a aparição pública das mulheres no culto com o estigma social de uma adúltera exposta e punida, cujo status equivalia ao 'prestígio' de uma prostituta."[42]

> *6 Pois, se uma mulher não está coberta, que também corte o cabelo; mas, se é vergonhoso para uma mulher ter o cabelo cortado ou ser rapada, que se cubra.*

Como a consequência dessa exigência de não se cobrir precisa necessariamente ser pensada até o fim para as mulheres, Paulo repete as consequências catastróficas, no contexto social, para as mulheres que seguissem os homens e não se cobrissem. "Paulo pode contar que essa exortação sarcástica será entendida pelos coríntios como argumento."[43]

"A aparição de uma mulher que mandou cortar o cabelo ou que foi raspada é 'vergonhosa', porque essa aparição lembra a degradação de uma mulher condenada por adultério. É uma vergonha ser exposta em público como adúltera e ser reconhecida como tal por todos pelo cabelo rapado. Exatamente essa vergonha deve ser constatada, na opinião de Paulo, quando mulheres aparecem na igreja sem cobertura da cabeça. Se uma mulher quer evitar a desonra pública, ***ela deve cobrir-se***."[44]

Essa consequência da exigência de renunciar à cobertura da cabeça é inequívoca no contexto cultural. Mas Paulo, para apoiar a cobertura da cabeça, vai trazer também justificativas teológicas a partir do acontecimento da criação, logo a partir do versículo seguinte. ***Considero muito importante apontar já aqui: essas justificativas não são supratemporais. Elas se referem a um fenômeno cultural, e não o contrário. Portanto, Paulo não desenvolve uma teologia da questão dos sexos para depois derivar dela a necessidade de uma cobertura da cabeça. Nesse caso, a cobertura da cabeça seria até hoje uma norma que as mulheres teriam de cumprir no culto.*** Mas a cobertura da cabeça, no século XXI,

no mundo ocidental, já não é tema algum, não é uma convenção social. É constrangedor quando cristãos fazem disso uma convenção que é lei para o seu pequeno mundo separado.

> *7 Pois o homem, de fato, não deve cobrir a cabeça,*
> *visto que ele é imagem e glória de Deus;*
> *mas a mulher é glória do homem.*

Agora Paulo traz conhecimentos e deduções do relato da criação ***que fundamentam o comportamento cultural de mulheres e homens daquela época, e não o de hoje***. Continua se tratando da reunião de culto.

É importante constatar que Paulo não diz que a mulher não é imagem de Deus. Ela também não é a imagem do homem, mas a sua glória (Medema). A argumentação de Paulo aqui é especial, porque se trata de convenções culturais, ou seja, ligadas a uma época. Do paralelismo resulta: ***ambos são imagem de Deus, mas a mulher é ao mesmo tempo a glória do homem.***

"Embora a mulher trouxesse a imagem do 'homem feito do pó', ela foi na verdade formada a partir de uma ordem superior na criação, visto que Adão já havia sido formado e animado por um ato direto de Deus. Ela foi feita a partir dele. ***Por isso a mulher é a glória do homem, ou a glória da glória.*** Mas esse 'a mais' não é descrito como hierárquico nem nos escritos paulinos nem no relato da criação. A hierarquia (o domínio do ser humano sobre a terra e suas outras criaturas) é abordada em Gênesis 1:27-28, mas em Gênesis 2 são abordados outros temas."[45]

"Como podemos entender 1 Coríntios 11:7, onde Paulo constata que o homem é a imagem e a glória de Deus, mas a mulher (em contraste) é a glória do homem? ***A resposta é que Eva, como todo descendente de Adão e Eva, tinha uma identidade múltipla: ela foi criada à imagem de Deus e era também a glória de Adão, porque foi criada diretamente a partir dele. Ela era única na semelhança de Adão e até uma parte dele, de modo que eles eram uma só carne de uma forma inseparável*** e diferente da relação dos descendentes com os pais (Gênesis 2:23-24)."[46]

"A afirmação se torna compreensível quando se vê que Paulo não está comentando a essência do ser humano na diferença entre homem e mulher, mas, no contexto da questão da cobertura da cabeça, enfatiza que a mulher é o 'reflexo' do homem. A afirmação de que a mulher é a δόξα (glória) do homem não significa '***nenhuma diminuição da qualidade da imagem de Deus na mulher e, com isso, nenhum rebaixamento de sua dignidade, pois Paulo argumenta a partir de Gênesis 2, segundo o qual a mulher é justamente osso dos ossos e carne do homem, e portanto, diferentemente de todos os outros seres vivos, está em pé de igualdade com ele***'."[47]

Como mencionado acima, a mulher traz a imagem de Adão (1 Coríntios 15:49), e em Cristo ela traz também a imagem e a glória de Deus, como o restante da humanidade. No entanto, Paulo também diz que a aparência do homem mostra a imagem e a glória de Deus de um modo que se distingue da aparência da mulher, pois a aparência, ou a beleza, da mulher é a glória do homem (1 Coríntios 11:7). ***Paulo aponta que a "glória do homem" (isto é, sua esposa) deveria ser coberta ou ocultada durante a adoração, para que a adoração não tenha a ver com honrar ou glorificar nem o homem nem a mulher.***

"Quando se trata da aparência exterior, porém, há uma diferença entre a glória dos homens e a glória das mulheres. Em concordância com a cultura, Paulo acreditava que Deus criou a mulher para ser mais atraente ou mais gloriosa, de modo que ela é a glória do homem."[48]

> *8 Pois o homem não é da mulher, mas a mulher do homem;*

Como a mulher se tornou a glória do homem? Como o homem se tornou a cabeça, isto é, a origem da mulher? Ela foi criada a partir dele, do seu lado.

"Por isso, qualquer suposição de que uma citação do relato da criação precise apontar para uma norma transcendente é um pressuposto problemático. Tanto Jesus quanto Paulo acreditavam que o relato bíblico da criação da humanidade como homem e mulher transmite normas transcendentes sobre o sexo, mas ***Paulo também o citou para apoiar o seu argumento a favor do uso do véu em 1 Coríntios 11:3-16, o que é, portanto, uma aplicação culturalmente condicionada. É uma falácia lógica afirmar que normas transcendentes ou princípios universais só podem ser usados para apoiar conclusões normativas ou universais."***[49]

Não se trata da essência ou da função do homem e da mulher, mas da relação de um com o outro no contexto da sociedade, como mostra o v. 9.[50]

> *9 pois o homem também não foi criado por causa da mulher,*
> *mas a mulher por causa do homem.*

"Paulo sublinha que a mulher, a partir da criação, está relacionada ao homem. Que isso não significa uma desvalorização e não tem um sentido depreciativo não resulta da formulação com διά + acusativo, mas da linha da argumentação no contexto, em que não se trata da essência ou da qualidade do homem e da mulher, bem como dos v. 11–12. ***O fato de que, na sociedade romano-helenística, as esposas eram muitas vezes consideravelmente mais jovens que seus maridos ajudava as mulheres coríntias a entender o argumento da prioridade temporal e da relação funcional entre homem e mulher que Paulo desenvolve a partir da história bíblica da criação.***"[51]

Três coisas, porém, contribuem para repensar a interpretação do sentido de "a mulher foi criada para o homem" (11:9): primeiro, a afirmação de que "a mulher foi criada para o homem" confirma a declaração "a mulher é a glória do homem"; segundo, a afirmação é interpretada pelo relato da criação em Gênesis 2:4-25; terceiro, ela fornece a justificativa para a conclusão "uma mulher deve ter autoridade sobre a sua cabeça" (v. 10).[52]

O versículo 9 dá a impressão de que cabe ao homem a prioridade e de que a mulher funciona "apenas" como complemento. Mas, como Westfall enfatiza, a criação de Eva é justamente um sinal de que Adão precisava de ajuda. Por isso cabe a ela uma posição "forte", uma posição de responsabilidade própria. É isso que agora se expressa como confirmação no versículo 10!

> *10 Por isso a mulher deve ter um poder sobre a cabeça, por causa dos anjos.*

Inúmeras traduções acrescentaram aqui ao texto grego um "sinal de poder ou de autoridade"! Lá está somente poder, autoridade ou autoridade plena. Esse acréscimo não me surpreende, pois, como mencionado no início, este texto de Paulo foi entendido como confirmação da hierarquia do homem sobre a mulher, e isso influenciou a tradução. Em outras palavras, esse acréscimo é uma interpretação. Este versículo pode muito bem – ou melhor: precisa – ser traduzido assim:

Por isso a mulher deve ter autoridade sobre a sua cabeça, por causa dos anjos.

(assim Schnabel, Westfall, Bushnell, Keener, Schirrmacher e outros)

“Como abstrato, no sentido de ‘um poder (isto é, controle) sobre a sua cabeça’, isto é, sobre si mesma. Este último sentido corresponde a) ao uso corrente da palavra ἐξουσία (autoridade) como abstrato no sentido de ‘poder’ (isto é, o poder que se tem, não o poder de outros sofrido passivamente), b) à construção sintática da expressão e c) à linha da argumentação.[53]

Paulo aponta que, na comunidade cristã, é direito da mulher usar o véu, o que transforma o símbolo. Com isso, ele expressamente não é um sinal de sujeição ou de submissão hierárquica. Isso poderia significar que uma mulher deveria ser capaz de exercer seu próprio juízo em questões de vestimenta feminina, porque ela está destinada a julgar o mundo e os anjos, como ele já disse em 1 Coríntios 6:2-3. “***Ao usar a cobertura tradicional da cabeça, a esposa demonstra o seu controle sobre a sua cabeça, aceitando a sua fidelidade ao marido bem como o seu status social pessoal. Evitam-se os sinais eróticos que as mulheres enviam ao se descobrirem no espaço público da reunião da igreja, a relação entre homem e mulher é preservada, e a articulação da realidade de Deus pela mulher na oração e no falar profético permanece autêntica***.”[54]

“Consequentemente, na teologia das origens de Paulo, homem e mulher são expressamente dependentes um do outro. No contexto de 1 Coríntios 11:3-16, Paulo atenua diplomaticamente qualquer independência inadequada das mulheres que pudesse resultar do seu apoio ao desejo delas de usar o véu.”[55]

Sobre a questão de que anjos se trata, Schnabel resume: “As seguintes possibilidades de interpretação são propostas para os anjos. 1. Líderes da igreja, como em Apocalipse 2:1. 2. Mensageiros de outras igrejas que se escandalizam com o comportamento das mulheres na igreja de Corinto. 3. Mensageiros de cidadãos incrédulos que se interessam pela igreja cristã e enviam um cliente (ou escravo) à reunião da igreja para obter um relatório sobre as atividades dos que confessam Jesus. 4. Os anjos que anunciam às mulheres, na manhã da Páscoa, a notícia da ressurreição de Jesus. 5. Os anjos que, segundo Isaías 6:2, diante do trono de Deus cobrem o rosto e os pés com as asas. 6. Os anjos caídos de Gênesis 6:1-4, de quem as mulheres que oram com a cabeça descoberta se tornam vítimas. 7. Os anjos sobre os quais os crentes vão sentar-se para julgar (cf. 6:3). 8. Anjos bons, presentes no culto, que representam Deus e transmitem a oração e a profecia. A terceira e as duas últimas interpretações são as mais plausíveis.”[56]

Como Westfall, concordo com o ponto 7, porque o julgamento sobre os anjos indica o status extraordinariamente elevado dos crentes, incluindo as mulheres, que precisa vir acompanhado de maturidade, discernimento espiritual e sabedoria.

> *11 Contudo, nem a mulher é sem o homem,*
> *nem o homem sem a mulher,*
> *no Senhor.*

Com toda a independência e responsabilidade própria das mulheres na questão da cobertura da cabeça, elas permanecem ligadas aos homens, no casamento e na igreja, tanto as casadas quanto as solteiras. Paulo sublinha uma dependência mútua que não poderia ser formulada de modo mais acertado. E que corresponde ao acontecimento da criação. Quem concluísse dos versículos 8 e 9 que a mulher é algo como uma escrava, inferior, alguém a ser dominada ou conduzida – seja no casamento, na família ou na igreja –, estaria enganado. Paulo previne isso e enfatiza sem concessões a igualdade entre homem e mulher. ***“No Senhor” descreve a existência da nova criação, que se distingue da cultura de seu tempo, na qual não havia essa igualdade de dignidade e de condição!***

“A mulher não é inferior; ao contrário, ‘no Senhor’ homem e mulher dependem um do outro em igualdade de direitos. Πλήν, no entanto, nem sempre tem sentido adversativo; em Paulo ocorre o sentido de ‘apenas, em todo caso’, ‘que conclui a discussão e destaca o essencial’. Paulo escreve: ***Contudo, no Senhor nem a mulher é (algo) sem o homem nem o homem sem a mulher.*** A expressão ‘no Senhor’, colocada no início na tradução, está no texto grego no fim da frase, isto é, em posição enfática. Paulo enfatiza que homem e mulher estão relacionados um com o outro. ***A frase ‘a mulher não é nada sem o homem’ não é nada surpreendente na sociedade helenístico-romana, talvez com exceção da atitude da ‘nova mulher’ (veja sobre o v. 5). Surpreendente é a frase ‘o homem não é nada sem a mulher’. A frase, formulada de maneira paralela, sublinha a igualdade de posição entre homem e mulher como consequência da ação salvadora de Deus em Jesus Cristo.”***[57]

> *12 Pois, assim como a mulher é do homem,*
> *assim também o homem é por meio da mulher;*
> *mas tudo é de Deus.*

Paulo aprofunda o seu argumento do versículo 11 e procede, em pensamento, exatamente como no versículo 8. A mulher, Eva, foi feita de Adão. Sem Adão não haveria Eva. Um acontecimento único, um verdadeiro pontapé inicial. Desde então, todo homem nasce sempre de novo de uma mulher.

Disso ninguém pode derivar para si uma vantagem ou precedência; cada um tem o seu valor dado por Deus. Pois de Deus, o Criador, a cabeça, procede tudo.

> *13 Julguem entre vocês mesmos: é decente que uma mulher ore a Deus descoberta?*

Paulo desafia o discernimento espiritual. Ele se dirige aos homens em Corinto e lhes pergunta com insistência. Se eles exigem das mulheres, ou de algumas mulheres, que não se cubram, estão esquecendo elementos essenciais que estavam ligados à cobertura da cabeça.

“Ele argumenta que deseja que todas as mulheres cubram o cabelo ao orar e profetizar, também aquelas que, na cultura, não têm permissão de usar véu, como, por exemplo, as escravas.”[58]

“No v. 13, Paulo argumenta com o decoro, um argumento que deveria convencer os cristãos coríntios: ***Convém a uma mulher orar a Deus sem véu?*** Se a expressão τὸ πρέπον tem no helenismo um significado que, como τὸ δίκαιον, τὸ καλόν e τὸ ἀγαθόν, ‘abrange a vida inteira, porque a vida social exige uma abundância de virtudes’, então ela abrange também questões de vestimenta.”[59]

“A expressão πρέπον ἐστίν (convém, é decente) remete, em textos da época, à expectativa de que a pessoa se comporte em conformidade com as normas vigentes – uma categoria fundamental da cultura romana, não por último em consequência da legislação matrimonial de Augusto, na qual o comportamento era regulado até no código de vestimenta. Como os coríntios conheciam as normas e as expectativas da sociedade, Paulo espera que eles respondam à pergunta feita com ‘Sim’.”[60] “Não se trata do costume que regula o modo correto de orar, mas das normas de decoro que valem na sociedade, que são conhecidas dos coríntios e que não foram abolidas pela nova existência ‘no Senhor’.”[61]

“A ordem de usar o véu não deve ser entendida nem como polêmica contra as mulheres nem como submissão da mulher ao homem, pois o véu era a sua proteção e um sinal do status e da honra que uma mulher podia possuir na cultura greco-romana.”[62]

Repito a constatação de que a resposta que Paulo espera não está fundamentada teologicamente, mas social e culturalmente: as pessoas se adaptam justamente para não serem motivo de tropeço.

> *14 Não lhes ensina a própria natureza que, se um homem tem cabelo comprido, isso é uma desonra (vergonha) para ele,*

"Primeiro, Paulo volta a falar do homem: ***Não lhes ensina a própria natureza que é uma vergonha para o homem usar cabelo comprido?*** Paulo espera de novo que essa pergunta seja respondida, como algo evidente, com 'Sim'. A expressão 'natureza' (φύσις) refere-se à ordem reconhecida da natureza, à qual pertencem a constituição de homens e mulheres e a aparência de homens e mulheres. Paulo, evidentemente, não quer dizer que 'a natureza' faz o cabelo dos homens crescer curto. A referência à 'vergonha' (ἀτιμία) designa, como πρέπον no v. 13, a prática reconhecida como norma na ordem natural das coisas. Ao se apelar para a natureza, esperava-se concordância unânime. Até os mais altos representantes do Estado e de sua administração argumentavam com a natureza de uma coisa, 'o que confere a esses argumentos a mais alta autoridade'."[63]

"Os homens adultos que moravam em Corinto não usavam cabelo comprido, mas curto. Cabelo comprido sinalizava uma negação da masculinidade e muitas vezes provocava a suspeita de tendências homossexuais passivas, que eram socialmente estigmatizadas na sociedade romana. Paulo lembra aos cristãos coríntios que os membros masculinos da igreja devem usar cabelo curto, como de costume."[64]

A natureza ensina? É a natureza um mestre para o discípulo de Jesus? Certamente não, pois esse é o Espírito Santo, e não uma natureza afetada e danificada pelo pecado. Não, trata-se, como escreve Schnabel, de uma ordem estabelecida da sociedade, daquilo que se faz assim durante longos períodos e que, com isso, se tornou cultura. Uma comparação adequada em nosso tempo é difícil de encontrar. Pois em penteado e roupa hoje tudo é possível. Nosso tempo pós-moderno, em que não pode haver verdades absolutas, é marcado pelo individualismo absoluto.

A natureza, nesta argumentação, é uma ordem subjetiva, como era mais ou menos aceita e vivida pelas pessoas na época da Antiguidade. Desonra – ou, numa tradução ainda mais forte: vergonha – não o é diante de Deus, mas diante das pessoas em Corinto e para elas. O cabelo comprido do nazireu, ou de um Absalão ou de um Sansão, de um Paulo e talvez de Jesus não é vergonha diante de Deus. Vergonha corresponde a escândalo, que os cristãos deveriam evitar por causa do evangelho, tanto quanto lhes fosse de algum modo possível como seguidores de Jesus.

Menciono apenas brevemente a compreensão fisiológica que já havia se formado e estabelecido séculos antes. Segundo essa compreensão, o sêmen (espermatozoide) do homem se formava na cabeça e vinha de lá. Cabelo comprido reteria ou frearia o fluxo do sêmen e prejudicaria a procriação.

> *15 mas, se uma mulher tem cabelo comprido, isso é uma honra para ela, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de um véu?*

O que, então, a "natureza" ensina em relação às mulheres e ao seu penteado ou à sua constituição?

"Para as mulheres o costume é diferente. ***Não lhes ensina a natureza que, para a mulher, porém, (é) uma honra usar cabelo comprido?*** As mulheres usavam o cabelo comprido. Esculturas mostram as mulheres sempre com cabelo comprido. Especialmente entre as mulheres de melhor condição, o cabelo usado comprido era penteado com arte."[65]

Na Antiguidade, o cabelo da mulher era em regra considerado objeto de desejo (Keener). Quem não o cobria queria – segundo essa interpretação – despertar cobiça. Mulheres da classe alta às vezes ignoravam isso, para exibir seu cabelo trançado com esmero e as joias usadas nele. Na igreja dos coríntios, assim como em outros lugares, diferentes culturas se encontravam.

"Parece que Paulo, pelo modo como aplica a glória às mulheres e ao seu cabelo, acredita ***que as mulheres são visualmente a glória da glória – isto é, as mulheres têm a glória maior. O fato de que a mulher foi criada por causa do homem (1 Coríntios 11:9) aponta para o propósito de sua beleza maior e de sua atração para os homens. Aponta também para o fato de que Adão era aquele que precisava de Eva como companheira, como parceira; ele se beneficiou da criação dela, e não o contrário.***"[66]

"Antes, o argumento de Paulo é que a 'cabeça' da mulher precisa estar coberta na adoração, para que a honra seja dirigida a Deus. A metáfora da 'cabeça' é essencial para o argumento. O homem é a cabeça da mulher (literalmente), a cabeça da mulher é sobretudo a glória do seu marido, e o cabelo em sua cabeça é a glória dela, e também a glória do seu marido."[67]

"A beleza de uma mulher desperta ciúme e ao mesmo tempo mostra o status do seu marido, o que estaria em concorrência direta com a honra de Deus na adoração. ***Trata-se da honra e da glória de Deus, não da honra e da glória dos homens na igreja doméstica, e também não da glória e da beleza das mulheres que oram e profetizam.***"[68]

"Esse é, de fato, o ponto de partida da argumentação de Paulo, e ele parece confirmar os ideais culturais sobre a relação da mulher com o *paterfamilias*, mas o desenvolvimento de sua argumentação na verdade igualou a relação entre homens e mulheres, estabeleceu o valor de cada um e destacou a reciprocidade de sua origem: embora a mulher tenha vindo do homem, também o homem veio da mulher. ***Seu foco e sua preocupação não são a confirmação ou o fortalecimento da autoridade ou do controle dos maridos sobre suas esposas, mas a garantia de que Deus seja glorificado.***"[69]

"A mulher é a glória do homem, e o seu cabelo é a glória dela; por isso ela deveria cobri-lo na adoração. Paulo diz que o cabelo é a glória de uma mulher porque é o seu manto/a sua cobertura (1 Coríntios 11:15). ***Isso significa que o cabelo de uma mulher funciona como um acessório de beleza (como um xale/véu) que realça a sua aparência.*** Culturas que usam o véu acreditam que o cabelo de uma mulher honrada deveria ser reservado ao marido, para que ele o contemple e desfrute, e por isso não deveria ser visto em público."

> *16 Mas, se alguém acha bom ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as assembleias de Deus.*

Contendas sobre muitas coisas havia o bastante em Corinto. Não deveria surgir mais uma contenda também por causa da cobertura da cabeça. O costume de homens cobertos ou de mulheres descobertas ao participar do culto não deveria existir e, ao que parece, também não é conhecido nem habitual em nenhum outro lugar. Esse é um último argumento contra os céticos em Corinto, que questionam tudo: todos os cristãos e igrejas (no Império Romano) praticam isso assim como Paulo descreveu. Os homens oram sem cobertura, e as mulheres oram na reunião com cobertura da cabeça.

"Paulo conclui no v. 16b ('***nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus***') com a observação de que não há nenhuma tradição apostólica que pudesse justificar tal prática. E ele aponta que em nenhuma das igrejas de Deus (αἱ ἐκκλησίαι τοῦ θεοῦ) existe um paralelo para esse comportamento.

Chr. Wolff comenta: ‘Os coríntios romperiam a comunhão com as outras comunidades da salvação, que estão sob a autoridade de Deus, se insistissem em sua inovação’.”[70]

Relevância atual

A Palavra de Deus é atemporal. Nenhuma palavra passará. Mas há coisas que pertencem a uma determinada época e são dirigidas a essa época.

Com a cobertura, as mulheres deviam evitar atrair atenção para si, exibir a glória de seus cabelos e distrair os homens (talvez também algumas mulheres). A glória de Deus devia ser exaltada, celebrada e louvada. A glória de Deus, a sua presença, era o centro da reunião. Também hoje nada no culto deveria exaltar o ser humano; ninguém deveria atrair atenção ou honra para si.

As mulheres não deveriam, por sua aparência, por sua beleza natural ou enfeitada, tirar nada da honra de Deus. ***Este é o princípio ético do texto, que vale até hoje. Nenhum orador, pregador, ninguém que dê um testemunho de vida ou um relato missionário, nenhum cantor, nenhum instrumentista, nenhuma pessoa deve – hoje exatamente como naquela época – atrair atenção para si pela roupa.***

“No que diz respeito à prática da cobertura da cabeça, nas sociedades ocidentais há muito tempo já não é costume que as mulheres sinalizem seu status de esposas fiéis por meio de uma cobertura da cabeça [Em países islâmicos e, portanto, em igrejas de regiões islâmicas, isso é diferente! – HJR]. Quando esposas cristãs, numa situação assim, participam ativamente da igreja sem cobertura da cabeça, é justamente porque também se movimentam sem cobertura da cabeça no espaço público da cidade em que vivem. ***A ausência da cobertura da cabeça não envia sinais. Quando alguns cristãos exigem que as esposas, por ‘obediência à Escritura’, ainda hoje usem uma cobertura da cabeça, as instruções do apóstolo Paulo justamente não são entendidas e aplicadas de forma ‘obediente’: o que importa a Paulo não é a cobertura da cabeça, mas o desrespeito consciente e o escárnio de convenções tradicionais que são importantes e fundamentais para a sociedade como um todo.*** Quando mulheres nas igrejas da Europa Ocidental usam uma cobertura da cabeça, isso não é a conformidade exigida por Paulo em relação a uma convenção que simboliza a castidade e a solidariedade de uma esposa, mas um comportamento que justamente não se conforma – no Ocidente, a solidariedade conjugal e a decência quase já não são simbolizadas por um determinado modo de vestir. Isso acontece antes verbalmente, isto é, com declarações concretas sobre o valor do casamento e do cônjuge.”[71] E, naturalmente, com uma aliança, que indica de modo inconfundível que quem a usa vive num relacionamento firme (conjugal) e não está livre para um novo relacionamento nem em busca de aventuras sexuais. A aliança protege disso apenas em parte; o que importa é o sinal.

Quem hoje, mesmo assim, prescreve às mulheres uma cobertura da cabeça – ou, como mulher, a prescreve a si mesma – ainda não entendeu a liberdade do evangelho, para a qual fomos chamados.

Segue uma ***versão livre e explicativa (paráfrase)*** de 1 Coríntios 11:3-16 – do modo como eu explicaria a passagem em poucas palavras.

É importante para mim que vocês, coríntios, tenham consciência de que a origem, isto é, a cabeça de todo homem, é o Cristo, o Messias. Por meio dele o homem foi

criado. E, como homens, vocês estão relacionados a ele, e isso se pode ver na reunião.

A cabeça da mulher é o homem. Do lado dele ela foi criada, para se tornar uma só com ele. Ele a cabeça, ela o corpo. O homem é a origem dela, e também ela está relacionada a ele, o que se torna visível na reunião.

Essa relação vemos também em Cristo. A cabeça dele é Deus. Ele o gerou, o seu Filho, que é igual a ele.

Quando um homem em Corinto ora em voz alta a Cristo ou a Deus na reunião, ou fala profeticamente, e está com a cabeça coberta, isso é uma vergonha. Ele dá honra a si mesmo, e não a Cristo. Pois os idólatras cobrem a cabeça quando oferecem sacrifícios aos ídolos. Descoberto, o homem mostra humildade e dá honra ao Altíssimo, ao Cristo invisível.

Com as mulheres é exatamente o contrário. Mulheres que oram e falam profeticamente na reunião e não se cobrem trazem vergonha sobre a sua cabeça. Desonram a si mesmas e ao seu marido, isto é, à sua cabeça. Pois atraem a atenção para si.

Se alguém exige que as mulheres, assim como os homens, não precisem se cobrir, não pensa isso até o fim. Pois vocês sabem que uma mulher descoberta em Corinto é considerada rapada e se parece com uma mulher que se prostitui ou que está em busca de encontros sexuais. Se ela não se vela ou não se cobre, então, logicamente, deveria também cortar o cabelo ou mandar raspá-lo inteiramente.

Eu sei que não é isso que vocês pretendem! Mas, na sociedade em que vocês vivem, essa seria a consequência! Por isso não corram o risco de se tornar motivo

de tropeço para pessoas que vêm até vocês e veem como o costume habitual das mulheres cobertas em público é rejeitado.

Os homens não devem cobrir-se na reunião, na presença de Deus. Pois o homem é a imagem de Deus e o reflexo da sua glória.

A mulher, por sua vez, também é imagem de Deus, mas, além disso, é também o reflexo da glória do homem. A beleza dela é a do seu marido, com quem ela é uma só.

Como ela pôde tornar-se a glória dele? Certamente não porque ele tenha sido criado a partir dela, mas porque ela foi formada a partir dele, do seu lado.

E ela não é a glória do homem porque ele tenha sido criado por causa dela, mas o contrário. Ela foi criada por causa dele, porque ele estava sozinho e precisava de ajuda. E ela, como mulher, era para ele desejavelmente bela.

Porque a mulher tem um valor tão grande e é de tão grande proveito para o homem, por isso ela mesma deve decidir sobre a sua cabeça: se a cobre ou não. Ninguém pode prescrever isso a ela. Nem o seu marido nem os líderes da igreja podem prescrever-lhe que não use cobertura da cabeça.

Mas que a mulher, em sua independência e liberdade de decisão, tenha em mente que ela não está separada nem é independente do homem. Ela não existe na igreja sem o homem, e também o homem não existe sem a mulher. A ideia de Deus sempre foi a convivência e a união de homem e mulher. Na unidade de cabeça e corpo, eles agem juntos, em concordância, de comum acordo, em paz, submissos um ao outro, completando-se.

O que significa que um não existe sem o outro? Lembrem-se mais uma vez da criação do primeiro casal humano. A mulher, no princípio, veio do homem. Do seu lado. Relacionada a ele, para ser, por sua vez, uma só carne com ele. Mas pensem adiante: desde então, todo homem vem de uma mulher. Sem o homem não haveria mulher, e sem a mulher não haveria homem. Ambos têm a mesma

dignidade, o mesmo valor e a mesma posição, o complemento perfeito em sua diferença. Tudo isso foi ideia de Deus. Ele é a cabeça da qual tudo isso procedeu.

Diante disso, eu lhes pergunto: é decente que uma mulher ore a Deus publicamente, mas sem véu e descoberta? Não, vocês vão concordar, não é, diante dos costumes em Corinto e no Império Romano.

Há simplesmente usos e costumes que, para as pessoas, são como leis da natureza. Quando um homem, contrariando os usos e costumes, usa cabelo comprido, isso é considerado uma vergonha. Também aqui, com as mulheres, é exatamente o contrário. O cabelo comprido das mulheres é a sua glória, o seu adorno natural, que também é sentido como tal. O cabelo comprido lhe foi dado como um véu ou um manto que a adorna, para ser a glória do homem.

Esse adorno, que parece tão desejável aos homens, ela deve cobrir na reunião. Este não é o lugar para aparecer com essa glória, assim como o homem deve demonstrar sua humildade com a cabeça descoberta. Pois trata-se da honra e da glória de Deus e de Cristo. É ele quem nos convida para a audiência do Rei de todos os reis.

Se alguém em Corinto quer discutir sobre isso e questiona esse costume da cobertura da cabeça, deveria ter consciência de que isso não existe em lugar nenhum: que mulheres orem descobertas, como vocês querem prescrever às mulheres e fazem com vocês mesmos. Nenhuma igreja pratica algo assim; por isso, atenham-se ao que habitualmente vale para a cobertura da cabeça, é honroso e não causa escândalo a ninguém.

Conclusão e resumo

"A linguagem da passagem e a conclusão de Paulo sugerem que alguém queria restringir ou proibir o uso do véu nas igrejas domésticas de Corinto, mas que todas as mulheres, algumas mulheres ou uma única mulher queriam usar o véu. Primeiro, Paulo resume brevemente o relato da criação e explica que a criação da mulher a partir do homem e para o homem é a razão pela qual a mulher é a glória do homem. O homem é a cabeça dela, porque ela foi criada a partir dele, e a cabeça dela, consequentemente, reflete a glória dele ou a expressa de alguma maneira. No relato do livro de Gênesis, ela era também a glória dele, porque foi criada especificamente para atraí-lo, diferentemente de todos os animais (Gênesis 2:18-23)."[72]

"Os textos paulinos contêm uma teologia dos sexos (gênero) ***que se realiza no modo como Paulo explica o relato da criação com conceitos e símbolos da cultura greco-romana e com as expressões***

idiomáticas da língua grega. Ao aplicar a metáfora da 'cabeça' a Adão, Paulo indica que Eva tem várias identidades, como o restante da humanidade depois de Adão. As mulheres são a imagem de Deus, a imagem de Adão e também 'a glória do homem'. ***A descrição que Paulo faz da mulher como 'a glória do homem' não indica uma submissão ou uma glória menor, mas aponta para uma glória adicional: o poder de sua beleza sobre os homens.*** Tampouco podemos projetar a primazia do homem no breve relato de Paulo em 1 Timóteo 2:13-14, onde se diz que Adão foi criado primeiro (v. 13). Em vez disso, Paulo ensina a reciprocidade a partir do relato da criação, pois apresenta o homem como receptor de benefícios, que precisa da ajuda da mulher. Ele descreve isso em termos que a cultura entenderia. ***A mulher foi formada a partir do homem, de modo que, no relato da criação, o homem funciona como a cabeça da mulher (sua origem da vida) no uso da língua grega;*** mas depois todo homem vem da mulher, de modo que a mulher também é a origem da vida, que é o que significa o nome 'Eva' em Gênesis 3:20.

"Por isso, pelo projeto de Deus, mulher e homem não são independentes um do outro. Não há razão convincente para interpretar Paulo como se ele contradissesse, reinterpretasse ou relativizasse a autoridade da mulher no relato da criação em Gênesis 1:27-28 ou em seu uso da expressão idiomática grega 'cabeça'. Tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem de Deus, e ambos foram criados para o domínio, que, segundo Paulo, é exercido no sentido de comunhão e reciprocidade, dentro das respectivas condições culturais."[73]

É genial como o evangelho pode ser vivido em toda cultura para a glória de Deus e sem escândalo. Deus, o maior missionário, é rico para com todos: o evangelho vale para todos os povos.

Apêndice

As duas disposições de texto a seguir têm a ver com um quiasmo (disposição cruzada, diagonal, de palavras ou de ideias). A primeira disposição é de Schnabel. Ela mostra: o texto fala na mesma medida aos homens e às mulheres. Quem quiser deduzir da frequência com que cada grupo é interpelado quem provocou o problema em Corinto ***não*** avançará com isso.

v. 4 todo homem … desonra a sua cabeça

v. 5 toda mulher … desonra a sua cabeça

v. 7a o homem é reflexo de Deus

v. 7b a mulher é reflexo do homem

v. 11a no Senhor a mulher não é nada sem o homem

v. 11b no Senhor o homem não é nada sem a mulher

v. 12a a mulher é do homem

v. 12b o homem é por meio da mulher

v. 14 é uma vergonha para o homem

v. 15 é uma honra para a mulher[74]

Aqui se apresenta um quiasmo perfeito deste texto, isto é, desta linha de pensamento ou unidade de sentido coerente, tal como David E. Garland o estrutura. É interessante ver como as mesmas letras A B

C D se correspondem, uma vez antes e outra depois da afirmação central no ***v. 10, que ele destaca como afirmação essencial para a cobertura da mulher. Para mim isso significa: a mulher decide se usa uma cobertura da cabeça ou não. Quem decide isso não são os homens nem o marido. Ela é livre.***

A Introduction: the "Head" of Men and Women (vv.2-3)
Commendation (v.2); Summary of Headship (v.3)
B Shame for Men and Women (vv.4-5)
For Men (v.4); For Women (v.5)
C Social and Theological Reasons for Shame (vv.6-7)
Social Reasons (v.6); Theological Reasons (v.7)
D Creation of Men and Women (vv.8-9)
Men (vv.8a; 9a); Women (vv.8b; 9b)
E Reason for Women to be Covered (v.10)
D' Equality of Women and Men (vv.11-12)
Women (vv.11a; 12a); Men (vv.11b; 12b);
Equality in God (v.12c)
C' Social Implications for Women (v.13)
B' Shame and Glory in Men and Women (vv.14-15)
Shame for Men (v.14); Glory for Women (v.15)
A' Conclusion: Exhortation to Adhere to Teachings (v.16)

Notas

1. Hans-Jörg Ronsdorf, hj-ronsdorf@t-online.de; comentários são bem-vindos. 24/01/2021, revisado em outubro de 2026
2. www.hans-joerg-ronsdorf.de
3. https://theoblog.de/eckhard-schnabel/16636/
4. Cynthia Long Westfall, Paul and Gender. Reclaiming the Apostle's Vision for Men and Women in Christ, Grand Rapids: Baker Academic 2016.
5. Schottroff, L., *Der erste Brief an die Gemeinde in Korinth*, edd. E. W. Stegemann/L. Schottroff/A. Strotmann/K. Wengst, VII, Theologischer Kommentar zum Neuen Testament, Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart 2013, 197.
6. Westfall, Paul and Gender, p. 13 (a seguir, apenas com a indicação de página).
7. p. 13
8. p. 17
9. p. 20
10. p. 25
11. p. 26
12. Eckhard J. Schnabel, Der erste Brief des Paulus an die Korinther, Historisch-Theologische Auslegung, Witten/Gießen: SCM R. Brockhaus/Brunnen, 4ª ed. 2018, p. 625.
13. p. 26
14. p. 27
15. p. 29
16. Chama-se matrona a mulher casada com um cidadão romano na sociedade do Império Romano. Seu lugar era, na maioria das vezes, a casa, no cuidado da família e do lar. Ela estava sob a proteção e a tutela do chefe da casa, fosse o pai ou o marido. (Fonte: Wikipédia, artigo "Matrona")
17. p. 29
18. p. 31

19. p. 32
20. p. 33
21. p. 37
22. Schnabel, E. J., *Der erste Brief des Paulus an die Korinther*, edd. G. Maier/H.-W. Neudorfer/R. Riesner/E. J. Schnabel, Historisch-Theologische Auslegung Neues Testament, SCM R. Brockhaus; Brunnen Verlag, Witten/Gießen, 4ª ed. 2018, 602–603.
23. p. 42
24. p. 44
25. A afirmação básica de Paulo continua a mesma, ainda que algumas mulheres quisessem, por iniciativa própria, deixar de lado a cobertura da cabeça. Essa suposição, porém, é bastante improvável.
26. Tradução Elberfelder (tradução alemã da Bíblia), edição CSV, salvo indicação em contrário; aqui traduzida literalmente do alemão.
27. Estas reflexões são um complemento ao capítulo 6.2 do meu livro “Mulheres, perdoem-nos!”. Não repito aqui a maior parte e recomendo ler os dois estudos.
28. p. 87
29. p. 38
30. p. 84
31. p. 80
32. p. 82
33. p. 85
34. p. 89
35. p. 90
36. Schnabel, E. J., 601
37. Schnabel, E. J., 602
38. p. 40
39. Schnabel, E. J., 602
40. p. 29
41. Schnabel, E. J., 604
42. Schnabel, E. J., 605
43. Schnabel, E. J., 606
44. Schnabel, E. J., 606
45. p. 72
46. p. 65
47. Schnabel, E. J., *Der erste Brief des Paulus an die Korinther*, edd. G. Maier - H.-W. Neudorfer - R. Riesner - E. J. Schnabel, Historisch-Theologische Auslegung Neues Testament, SCM R. Brockhaus; Brunnen Verlag, Witten; Gießen 2018, 4ª ed., 608–609.
48. p. 70
49. p. 62
50. Schnabel, E. J., 609
51. Schnabel, E. J., 609–610
52. p. 103
53. Schnabel, E. J., 610
54. Schnabel, E. J., 610–611
55. p. 73
56. Schnabel, E. J., 611
57. Schnabel, E. J., 613–614
58. p. 30

59. Schnabel, E. J., 616
60. Schnabel, E. J., 616–617
61. Schnabel, E. J., 617
62. p. 70
63. Schnabel, E. J., 617–618
64. Schnabel, E. J., 619
65. Schnabel, E. J., 619
66. p. 40
67. p. 41
68. p. 41
69. p. 42
70. Schnabel, E. J., *Der erste Brief des Paulus an die Korinther*, edd. G. Maier - H.-W. Neudorfer - R. Riesner - E. J. Schnabel, Historisch-Theologische Auslegung Neues Testament, SCM R. Brockhaus; Brunnen Verlag, Witten; Gießen 4ª ed. 2018, 622–623.
71. Schnabel, E. J., 624
72. p. 98
73. p. 105
74. Schnabel, E. J., 590